

Ações e reflexões nas aulas remotas: narrativas de um professor de educação física

Actions and reflections in remote classes: narratives of a physical education teacher

Aléssio Coco de Andrade

294

Resumo: Este estudo parte da experiência de um professor de Educação Física em meio a Pandemia do Coronavírus, entre 2020 e 2021. O autor apresenta suas angústias, aflições e experiências positivas com o formato de educação por meio de atividades pedagógicas não presenciais. O estudo acena para novos olhares em relação à educação frente à modernidade e seus desafios sociais, políticos e estruturais.

Palavras Chave: Narrativa; Pandemia; Aulas Remotas; Educação Física.

Abstract: This experiential account presents narratives of the work of a Physical Education teacher during the COVID-19 Pandemic (2020). The study aims to foster a dialogue between the professional journey of the Physical Education teacher and the new teaching and learning methodologies of the period, navigating through the challenges of balancing personal and professional life with the numerous demands arising from the mentioned process. The text is conceived to narrate a somber moment from the author perspective, yet employing poetic language to mitigate the pains and anxieties experienced.

Keyword: Narrative; Pandemic; Remote Classes; Physical Education.

Introdução

“Nos movemos mais pelo que nos falta do que pelo que possuímos!”

Rubem Alves

Busquei em Rubem Alves o início desse relato, pois eu, sozinho, não conseguiria começar a descrição de um tempo onde a voz ouvida foi a do silêncio, onde as idas se resumiram em vindas e o tempo acelerado se transformou em ócio duradouro. Falar da Pandemia do Coronavírus implica acordar pensamentos e buscar na poesia um alento para não sofrer novamente. Este texto busca uma interrelação com as vivências de um professor de Educação Física em meio ao trabalho remoto durante a pandemia do Coronavírus, a “obrigatoriedade” do ensino dos conteúdos curriculares, aliado às demandas de ser pai e professor ao mesmo tempo, bem como uma



reflexão das realidades que se encontravam os estudantes campesinos de uma escola rural no município de Águia Branca/ES.

Em Águia Branca, os festejos para São José, padroeiro da cidade são sempre uma alegria. As comunidades se preparam para ir à Igreja assistir à missa, encontrar os amigos de outras comunidades, participar do grande almoço, caminhar com devoção e fé na procissão em honra ao padroeiro dentre tantas lembranças da história de fé de um povo.

Águia Branca, assim como a maioria dos municípios do interior preservam os festejos e comemorações populares mantendo viva a sua cultura. Como afirma Freire (1980) “a cultura [...] é a contribuição que o homem faz ao dado: à natureza. Cultura é todo o resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, de seu trabalho para transformar e estabelecer relações de diálogo com os outros homens” (FREIRE, 1980. p. 38).

E foi exatamente próximo à Festa de São José, em 18 de março de 2020, data que seria marcada pela alegria que recebemos a triste notícia do fechamento das escolas por 15 dias para conter a disseminação de um vírus desconhecido. “As férias seriam adiantadas e tudo vai se resolver” foi a dala da diretora ao comunicar que a escola fecharia por um curto período.

Os festejos a São José foram cancelados, a tradicional Corrida Rústica que movimentava a cidade nestes festejos não aconteceu, as escolas se fecharam e a partir daí a rotina de todas as pessoas modificou-se completamente, inclusive dos professores e estudantes. Mesmo com a gravidade que se alastrava pelo mundo, muitos não acreditavam que isso adentraria à vivência das pessoas.

Passados os quinze dias das “férias adiantadas”, a expectativa de voltar às escolas foi frustrante, pois a situação, em termos de Brasil e Mundo só se agravava. A partir de então, começou-se a pensar em uma forma de manter os vínculos entre os estudantes e a escola. A palavra vínculo é derivada do latim *vinculu*, significa tudo que ata, liga ou aperta, segundo o Dicionário Aurélio (1986, p. 1777): 1. De modo geral, pode ser traduzida pelo termo "relação". O vínculo se refere ao modo de relacionar-se, aos laços que se estabelecem em torno de cada indivíduo, aos indivíduos com



quem uma pessoa está relacionada emocionalmente ou que, ao mesmo tempo, estão relacionados com ela, ou seja, o seu átomo social (Moreno, 1993, p. 239).

Mesmo que distantes a relação entre estudantes e professores reforça o pensamento que o processo educativo se dá na (inter) relação com o outro. Com isso, (Freire, 1996) reforça que “a competência técnica científica e o rigor acadêmico, de que o professor não deve abrir mão no desenvolvimento do seu trabalho, não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas”. Amorosidade esta, que precisou ser intensificada com as crianças da educação infantil, estudantes público alvo da educação especial, estudantes em situação de vulnerabilidade social entre tantos outros grupos que têm na escola um porto seguro e na pessoa do professor uma referência. Mesmo com todas as melhores intenções de aproximação da escola com as famílias, havia a lacuna do encontro, do olhar, do abraço e do diálogo face a face.

Onde tudo era incerto, as situações desagradáveis vinham de todos os lados: os pais que cobravam da escola um posicionamento em relação às aulas, os professores que se queixavam da elaboração das atividades alegando que o estudante não conseguiria fazê-las sem sua ajuda, a Secretaria de Educação que pressionava para que o currículo fosse mantido e os estudantes que “gritavam” por socorro por se sentirem sozinhos... Enfim, enquanto as incertezas reinavam a morte também se alastrava mundo afora.

As atividades pedagógicas não-presenciais (APNP's) chegaram e junto delas o professor ganhou de “presente” uma enorme quantidade de compromissos e burocracias para “justificar” o salário recebido, onde em muitas situações alegava-se que os professores e professoras estavam recebendo “à toa”. Esse fator merece ser destacado, pelos sabores enfrentados e pelo grupo docente que por vezes teve que justificar o injustificável.

Junto das APNP's era enviado um vídeo, ou áudio, ou um texto escrito da explicação da atividade. A equipe gestora criou grupos de WhatsApp para as turmas, e cabe aqui uma crítica: Quem não tinha acesso à internet ou até mesmo um aparelho de celular ficava sem o direito à problematização da atividade e ou debates coletivos que permeiam a rotina escolar.



Enquanto tudo isso acontecia no universo escolar, a vida pessoal dos professores e professoras, alunos e alunas também dava uma reviravolta, ao passo que o trabalho os consumia, as demandas pessoais também batiam à porta. Um detalhe que relato com um certo aperto no coração, foi vivenciar o período de alfabetização do meu filho em casa, sem o contato com os colegas e possibilidades de formação humana que a escola possibilita.

Em 2020, ano que inicia a pandemia pelo mundo, meu filho cursava o segundo período da Educação Infantil. Estava encantado com a descoberta das letras, dos números, das brincadeiras... E o que me deixava triste é que as crianças chegaram a ir para a escola no início do ano letivo, mas poucos dias durou a alegria das crianças na escola.

Nas escolas que foram aporte para este texto, as aulas aconteceram do início de fevereiro até o dia 18 de março. A partir de então comecei a me preocupar muito com o meu trabalho, me percebendo como um agente que podia diminuir a ociosidade dos estudantes, levando a eles alegria, movimentos, expressividade, procurando diminuir a distância entre nós e procurando evitar o desencanto pela escola. Me preocupava muito também com os meus filhos, que eram acostumados a passear na casa dos avós, gostavam de ir ao campo da comunidade aos domingos, participavam dos encontros sociais; estando privados de tudo isso, se isolando em casa.

Até então, tudo era muito triste com a situação mundial e ficou ainda mais desolador com a primeira morte confirmada no Município de Águia Branca em 15/05/2022. A notícia se espalhou assustadoramente pelos quatro cantos do município e para aqueles que brincavam com a contaminação do coronavírus o sinal de alerta foi ligado, ao passo que o medo imperou ainda mais forte entre as pessoas.

Sem expectativa para voltar para a escolar e preocupado com tudo o que estava acontecendo a “solução” encontrada foi tentar se acalmar e fazer o que era pedido: Atividades para 10 turmas, planos de ação e intervenção, relatório das atividades desenvolvidas, atividades adaptadas para os estudantes público alvo da Educação Especial, vídeos explicativos, entre outros... Foi muito difícil encarar tudo isso pensando nas modalidades de



ensino que atuava, pois a sobrecarga burocrática me tirava o foco em fazer algo para o meu bem-estar pessoal, onde eu me encontrava muito abalado emocionalmente com tudo o que estava acontecendo, o medo de contrair a doença ou de transmitir para alguém me assombrava, o que me levou a pensar em abrir mão de um horário de trabalho, pois de fato, eu não estava dando conta. Isso não aconteceu, pois em meio a tantos desafios, ainda encontrei força e determinação para seguir a caminhada; até porque Freire (1996) “proclama a educação como uma forma de intervenção no mundo, como uma experiência especificamente humana, que além de evidenciar os conteúdos científicos disciplinares, pode reproduzir ou desmascarar a ideologia dominante.” Me asseguro nesse pensamento freireano, confiante de que a educação promove uma mudança efetiva nas atuações coletivas, tornando as pessoas capazes de intervir para uma realidade diferente.

Mesmo com todas as dificuldades, 2020 se encerrou e com ele muitos desejos e sonhos desapareceram. Tudo o que eu mais desejava era encerrar o ano letivo e curtir uns dias das férias na praia (o que eu mais amo fazer em janeiro), mas isso não foi possível, infelizmente. Em meio ao caos, pensar em passear seria no mínimo desumano. Cumpria a rigor o que os órgãos de saúde orientavam em relação a não sair de casa, embora que muitas pessoas ignoravam essa orientação e viviam como “se não houvesse o amanhã”.

O fato de estar completamente abalado emocionalmente e cansado da sobrecarga de trabalho, apreensivo por não saber o que estava por vir, angustiado por ficar em casa, não me eximia das minhas responsabilidades de pai que via no filho em fase de alfabetização um grito por socorro, pois o mesmo não conseguiu avançar na proporção esperada. Vivenciar a experiência de “alfabetizar” uma criança em casa, sem ter habilidades para tal, me assustou de tal forma que passei a pesquisar atividades lúdicas em forma de jogos para ajudá-lo. Com isso, ao passo que brincávamos juntos, aprendíamos e fazíamos desse momento uma descontração e encontro.

Não posso deixar de mencionar o meu filho mais novo, um bebê com menos de dois anos e que estava ali conosco e que ao passo que carecia de cuidados também se desenvolvia sem o contato social. E por vezes eu me



pegava, com ele nos braços até acalentando para não chorar em meio a uma chamada ou vídeo aula com os estudantes.

O ano de 2021 começou com as esperanças renovadas; como sempre o povo brasileiro se coloca esperançoso em dias melhores. Dias estes que seriam dias com vacina, afinal, a forma eficaz para barrar o grande número de mortes que nos acometia era com a vacinação, como mostravam cientificamente os órgãos de saúde.

Foram dias intermináveis, o tempo não passava, a ansiedade só aumentava, a insegurança e o medo tomavam conta do cotidiano dos professores.

Para os aguiabranquenses, o mês de março de 2021 foi muito triste e assustador, pois neste mesmo mês, 25 pessoas perderam a vida na cidade, algo nunca visto na história do município. Houve dias em que duas pessoas foram sepultadas... O caos estava instaurado! E o pior de tudo era que em meio à dor e ao medo, a escola deveria se manter aberta para a entrega das APNP's.

Esse formato de entrega de Atividades não presenciais foi até meados de junho de 2021. Até que a Secretaria de Educação de Águia Branca decidiu o retorno escalonado dos estudantes em 28/06/2021.

Lembro-me com muita emoção do dia 28 de junho de 2021, uma manhã fria, sem muita cor e ao mesmo tempo recheada de alegria, pois receberíamos os estudantes na escola depois de um ano e meio. A equipe Gestora se mobilizou, a escola estava toda sinalizada, havia álcool espalhado por toda a escola, no banheiro havia sabonete para a lavagem das mãos (ter sabonete líquido na escola era uma novidade, nunca tivemos) enfim, tudo estava pronto para a chegada dos estudantes. Mas junto com eles chegou também a frustração: neste dia apenas 09 estudantes foram para a escola. Ou seja, ninguém se sentia seguro para esse momento.

Posso dizer que o retorno escalonado de forma presencial trouxe muitos desafios para a equipe Gestora, Pedagógica e para os professores, pois a partir desse momento haveria atividades para os estudantes na escola e atividades para os estudantes que estavam em casa. O desafio foi tremendo na



tentativa de conciliar os conteúdos e as atividades. Houve uma grande mobilização em relação a isso, porém, não podemos ser hipócritas e afirmar que houve um processo de aprendizagem satisfatório. Muitas lacunas não foram preenchidas e esses prejuízos não serão resolvidos de um dia para outro. Tanto é que as ações pedagógicas das escolas não foram as mesmas após o retorno presencial. Muitos detalhes passaram a ser tratados com muita atenção para diminuir os efeitos negativos da pandemia na educação, dentre eles podemos destacar: As ações de reforço escolar, as atividades lúdicas, os projetos interdisciplinares, a contratação de professores auxiliares e a preocupação com a garantia dos saberes básicos para cada modalidade de ensino.

O retorno dos estudantes deu-se de forma gradual. Aos poucos as pessoas encorajaram-se a participar da vida escolar dos filhos, até por que a tão sonhada vacina havia chegado. A vacina é o marco da liberdade, da valorização da ciência, da conquista do Sistema Único de Saúde, da conquista pelo direito de viver.

Passados muitos meses desde o início da pandemia, ainda hoje os resultados negativos desse momento crítico são percebidos, principalmente na aprendizagem dos estudantes; muito foi perdido. Esse processo de retomada ao “novo normal” é lento e processual. O que não se pode perder de vista é um trabalho voltado para a emancipação do sujeito. Aos que se foram ficam as boas lembranças e o respeito de uma história construída. Lamentavelmente não foi dado o direito à Vacina a estes que partiram, mas fica o legado da luta e valorização da ciência e daqueles que bravamente se colocaram a pensar em soluções rápidas para salvar vidas.

Volto à citação inicial deste texto para encerrar estas linhas e reafirmar o quanto podemos mudar o nosso olhar partindo do que nos falta; o que temos a todo instante passa a ser insignificante, mas o que nos falta, quando nos é tirado mexe com os mais profundos sentimentos, fazendo-nos recordar ou valorizar um tempo que não existe mais. A intenção desse relato, além de registrar opiniões para a posteridade é expressar em formas de palavras algumas sensações de ter sido vivido a pandemia do Coronavírus e carregar o



peso de ser professor e de manter a engrenagem do sistema educacional em “perfeito” funcionamento.

E como disse anteriormente me encorajo na poesia e faço dela meu alento. Em meio às tristezas e dores deixo um poema para acalmar a alma:

Dúvidas que ficaram

Em meio a tranquilidade há barulho?

O silencio sempre está sozinho?

O vento sopra onde quer?

A vida é sopro!

A vida é intensidade!

A vida é tranquilidade?

Das certezas errantes que me atravessam

Digo com tranquilidade: A vida é agito! Mas era para ser calma;
mesmo que a calma me assusta.

Me pego nesse dilema: prefiro o silêncio ou o barulho?

Não consigo me expressar, mesmo que meu rosto fale por mim.

O que tenho não me basta, sempre quero mais!

Quando não tenho sinto falta e se sinto falta é porque um dia fez sentido.

Ficar sozinho, desligar-se, desconectar-se é um presente!

Mas ficar sozinho o tempo todo? O que fazer agora?

Eu busco em mim a brincadeira que me falta,

Mas brincar comigo o tempo todo não tem graça.

Eu procuro a festa, a música, o agito...

E encontro em mim a alegria,

Mas sorrir comigo o tempo todo não tem graça.

Sempre gostei do encontro comigo mesmo,

Mas encontrar-me o tempo todo é solidão.

E se é solidão não tem graça!

Gosto do encontro, dos abraços, dos desejos...

E isso eu não encontro em mim, sozinho.

A ida, o percurso, o caminho,

Sempre nos movem a chegar...



A encontrar,
A abraçar,
A sentir.
Mas o retornar, o regressar, o interiorizar-se
Sempre nos motiva a pensar...
A encontrar,
A abraçar,
A sentir.
Em meio à idas e vindas
O sentimento sempre existirá
E a dúvida também!
O silêncio ou o barulho?
O encontro ou o retorno?
O abraço ou o sorriso?
Avançar ou regressar?
A dúvida não mora sozinha, mora com as lembranças;
E as lembranças nos dizem se foi bom ou ruim.
Entre parar ou continuar... Ah, disso não tenho dúvida:
Eu quero amar!

Referências

AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA e J. E. M. M, EDITORES, LTDA-1986

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Editora Moraes, 1980b.

MORENO, J. L. **Fundamentos do psicodrama**. São Paulo: Summus, 1983.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993a.



MORENO, J. L. **Psicoterapia de grupo e psicodrama**. Campinas: Psy, 1993b.

Sobre o autor

Aléssio Coco de Andrade

andradalessio@hotmail.com

303

Aléssio Coco de Andrade, camponês, professor de Educação Física, amante da natureza e feliz ao viver. Possui Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo. Mestrado em Educação Física também pela Universidade Federal do Espírito Santo. Pesquisas de Interesse: Currículo e Educação do Campo e suas interfaces com a Educação Física.

